CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

CEVADA-PRETA.

523 No escriptorio da Revista existe uma porção d'esta cevada, que torrada e moida póde tomar-se como o caffé, com cujo nome é tambem conhecida e com que muito se parece até mesmo no cheiro. Ésta porção foi remettida por um benemerito assignante d'este jornal, o Sr. Henrique Martins Pereira, e será distribuida pelos Srs. assignantes da Revista que a peçam. O seu cultivo é o da cevada ordinaria.

Por ésta occasião se adverte que se acabaram ja as hastes de batatas-doce, cuja porção foi mui pequena e os pedidos tem sido consideraveis.

CAMINHOS-VICINAES.

524 O Sr. deputado Lopes Branco apresentou em côrtes um projecto de lei sôbre caminhos-vicinaes. É um assumpto importante que a Revista deve tractar porque elle faz parte da boa organização economica de um Estado, além das demais vantagens politicas e moraes que d'ahi provém.

A lei que auctorizou o govêrno para a feitura das estradas, e votou os meios para essa feitura se realizar; a criação da Companhia das Obras-publicas, e os beneficios caros ou baratos que d'ella possam provir ao paiz, serão incompletos, parte infructuosos; tal feitura não alcançará os proveitosos fins do seu pensamento; esses meios votados serão em parte inuteis; tammanho sacrificio não terá resultados correspondentes, sem a construcção dos caminhos-vicinaes. As grandes arterias no corpo-humano não bastam para a conservação da vida, são necessarias tambem as pequenas veias no systema de circulação do sangue.

O projecto subdivide os caminhos-vicinaes em *caminhos-vicinaes de grande communicação*, ou caminhos que communicam mais de dois concelhos [e que eu chamaria, talvez mais precisamente, *caminhos de districto*, até mesmo para evitar a phrase franceza]; *caminhos-vicinaes* simplesmente, ou que apenas communicam dois concelhos commarçãos, mas que communicam entre si as differentes povoações principaes d'um concelho e conduzem aos logares do uso geral e commum dos habitantes [grupo que eu subdividiria em caminhos de concelho e vicinaes, propriamente ditos]; e, finalmente *caminhos-ruraes*, ou que servem de communicar os casaes ou pequenas povoações entre si etc.

O projecto tracta depois da construcção de todos estes caminhos, do direito de propriedade e expropriações dos terrenos que taes caminhos possam tomar, da conservação e reparo d'elles, e outras disposições geraes.

O Sr. deputado auctor do projecto é digno de louvor pelo pensamento e apresentação d'elle em parlamento. Trabalhos d'estes e deputados que se occupem d'elles, é que deveras contribuem para a felicidade do paiz. É realmente muito pouco decoroso ao parlamento, quando, d'entre o espaço de uma sessão ordinaria, não sahe do seu seio uma voz a propor uma providencia de verdadeira utilidade publica, que diga respeito aos interesses economicos da nação, aos melhoramentos materiaes do paiz. E infelizmente muitas sessões tem havido sem que essa voz se tenha levantado! As questões politicas absorvem as mais das vezes todos os espiritos, e os deputados de conhecimentos especiaes sacrificam então os interesses positivos do paiz em geral, ás considerações particulares de bando. Mas o paiz não vive so de politica, vive tambem dos seus recursos materiaes. Que ao lado do deputado politico que discute os principios moraes d'um govêrno se erga tambem o deputado economico que promova os interesses industriaes do povo.

A lei de 26 de julho de 1843 e o projecto de que tracto, suscitam a idea de um codigo de *viação*, que vamos a ter extrema necessidade de confeccionar. Além de que, é preciso definir, estabelecer, conservar e construir por meio de um systema geral, assentado em bases solidas, todas as vias de communicação do paiz. Uma rede d'estradas reaes, provinciaes, de districto, de concelho, vicinaes e ruraes, e vias de navegação interior, deve ser creada e proceder d'esse systema. Em quanto ás primeiras estão decretadas, as últimas estão apenas facultadas, ás outras quer obviar o projecto do Sr. Lopes Branco.

A mim parece-me que um trabalho d'estes deve ser complexo, e que para o ser careceria de mais vasto desinvolvimento. Consultar as junctas-de-districto para que, dentro de um dado praso o mais curto que possivel fosse, indiquem as estradas que é de necessidade fazer, melhorar ou concertar em suas respectivas provincias e districtos; obrar do mesmo modo com as differentes camaras-municipaes pelo que toca aos concelhos e caminhos-vicinaes, e com as junctas-de-parochia relativamente a caminhos ruraes; fazer entregar todos estes trabalhos a uma commissão d'homens intendidos com conhecimentos praticos de cada provincia, que apresentasse o relatorio d'elles com o seu voto ao govêrno, parecia-me que sería o mais prudente e acertado que, desde ja, em tal objecto se poderia fazer.

Depois é necessario que uma lei sôbre estradas, as classifique, marque a largura respectiva de cada uma d'ellas, segundo a sua natureza, determine o seu modo de construcção, ordene a plantação marginal, attenda ás expropriações e meios para feitura d'essas estradas, proveja á sua conservação e concertos, systema de trabalhos, cantoneiros, inspecção etc. Sem este methodo muitas leis especialissimas, algumas das quaes decerto se ficarão carecendo por muitos annos, e uma multidão de portarias, ordens e determinações de toda a especie, virão depois, a titulo de complemento, complicar, embaraçar, entorpecer talvez, a execução de um trabalho indispensavel, que, quando menos, não será tam precioso como poderia ser por incompletamente elaborado.

Em muitos d'estes pontos o projecto do Sr. Lopes Branco não é tam explicito como era de desejar, e n'alguns é omisso. No emtanto honra seja dada ao illustre deputado por apresentar uma proposta de lei que póde sahir perfeita, ou não ser discutida nunca, mas que em todo o caso é digna de um grande apreço porque poucas ha que sejam tam uteis.

A proposito, concluirei transcrevendo em portugue um trecho de um distincto economista, em que ponh agora os olhos, e que muito me lisongeio de achar

confirmando tudo quanto eu acima disse. Que seja elle so que falle para que as minhas palavras d'improviso não maculem a eloquencia das suas phrases meditadas :

« Com toda a convicção o digo, os caminhos — as mais ordinarias das vias de communicação — são da maior utilidade, e de incalculavel influencia na sorte das povoações. Eu quizera tambem que assim como a nossa patria se entrega com ardor ás vias de communicação mais aperfeiçoadas, os carris-de-ferro, fizesse ao mesmo tempo os mais energicos esforços para melhorar os caminhos-vicinaes. Este negocio é de pequena apparencia, assim é, mas não é de pouco interesse; a sua falta de brilho não deve fazer desconsiderar a sua importancia. 'Nem tudo que luz é oiro,' diz um antigo proverbio: assim tambem podêmos dizer, nem todo o oiro luz.

« Quando a Europa existia sob o regimen feudal e guerreiro dos fins do seculo XI, 'quando trezentos mil christãos passavam ao Oriente com vinte reis á sua frente,' segundo as palavras de Bossuet, quando os heroicos e infelizes cruzados combatiam sob os muros de Ptolemais, quando Ricardo-coração-de-leão la fazia a todos maravilhar de seus feitos, se alguem se lembrasse de dizer que tammanhas gentilezas não eram as unicas coisas dignas da attenção dos espiritos pensadores d'essa epocha remota; se quizesse sustentar, por exemplo, que a questão entre João-sem-terra, e os barões inglezes, era tambem um grave successo a par d'esses a que o mundo votava exclusivo interesse, o seu discurso seria tido como loucura. E todavia os obscuros debates que João-sem-terra depois de rei, sustentou com seus vassallos, deram origem ao regimen representativo, que, depois de se haver desinvolvido na Inglaterra, parece destinado a ser a lei da Europa inteira.

« As justas, os torneios, as expedições temerarias, as batalhas, um principado que conquistar em Flandres ou que roubar na Italia, foram, pouco depois d'aquelles, os negocios mais serios, na opinião do vulgo, os unicos que mereciam a attenção dos homens. Que lhes importava a elles as pequeninas discussões dos senhores com os habitantes das cidades situadas em seus dominios e as transações com que taes discussões rematavam? E todavia essas transacções davam origem ao podêr do terceiro-Estado.

« Oxalá que estes exemplos nos aproveitem, e que as luctas apaixonadas da politica, os torneios parlamentares, as brilhantes justas da tribuna, nos não façam desconhecer os interesses vitaes que se cobrem com capa sem ouropeis. Eu bem sei que éstas providencias administrativas que se limitam a remecher o po sem fazer estrondo, que éstas leis dos caminhos vicinaes que apparecem aos ministros com aspecto de calceteiros e homens de masso, sem phisionomia politica, se nos representam á primeira vista como indignas d'attenção; mas não as desprezemos. Estas apparencias modestas e obscuras tapam grandes coisas, eminentes beneficios para a civilização. »

LIBERDADE DO COMMERCIO.

(QUESTÃO-INGLEZA.)

525 A REVISTA tem ja tractado d'esta importante questão, e hade dar ainda uma completa informação d'ella a seus leitores logo que toque o seu termo, abrangendo, d'uma vez e n'um so corpo de discurso, os factos e a historia d'este grave assumpto. No emtanto pareceu-me dever dar conhecimento do que é a *liga*, ou grande associação formada em Inglaterra contra as leis restrictivas sôbre cereaes. É assumpto que prende com aquell'outro, e que é indispensavel de conhecer para bem intender a questão que hoje se ventila no parlamento inglez, e occupa a attenção de todos os homens do mundo que se applicam seriamente ás momentosas questões sociaes.

Nunca este objecto foi claramente explicado em lingua portugueza; e para que hoje o seja condignamente irei buscar as mesmas explicações dadas sôbre elle pelo proprio chefe da liga, M. Ricardo Cobden. São brevissimas, precisas e concludentes.

Aqui está como elle se explica:

« *O anti-corn law league* [liga contra as leis sôbre cereaes] parece indicar á primeira vista uma associação exclusivamente dirigida contra o monopolio territorial. Não é este porém o verdadeiro alcance do nosso movimento. A liga é o apostolo da liberdade commercial em tudo quanto ésta liberdade tem de mais vasto e universal. Em nossa doutrina acham logar todas as classes de productos, naturaes ou fabricados, e somos ao mesmo tempo adversarios das protecções concedidas ás manufacturas de seda, tanto como o somos da nossa legislacão sôbre cereaes. Mas havemos concentrado os nossos attaques sôbre ésta legislação por que é este, de todos os monopolios, aquelle cuja acção é mais effectiva e oppressiva, e porque, se conseguirmos abolil-a, os proprietarios estimulados por seus interesses individuaes, completarão o resto, e nos alliviarão do trabalho necessario para provocar a anniquillação dos outros privilegios: n'uma palavra, o monoplio é uma immensa abobeda cuja chave é a legislação sôbre os cereaes; quebrai ésta chave, e o monumento arruinado pelo seu proprio pêso, rojará per si mesmo.

« Lisongeio-me de que muita gente ha que segue com interesse a lucta que nós sustentâmos, com o fim de derrubar todos os obstaculos que se oppoem á livre permutação dos productos da industria. Direi tambem, que ha sette annos todos os membros da *liga* reunidos seriam apenas sufficientes para encher um local muito limitado; hoje, os nossos principios teem por apoio a maioria da classe media na Inglaterra; e teem ainda encontrado mui numerosos defensores na Escocia intelligente e illustrada. por último, direi que a nossa questão está actualmente suspensa por cima da cabeça dos nossos ministros como um problema cuja solução os domina e aperta. (*) Este rapido desenvolvimento da opinião pública procede da agitação permanente sustentada pela liga e das discussões de que ella é centro...

« ... Estamos convencidos de que a verdadeira tactica dos povos, assim como dos individuos, deve ser ir comprar onde os preços forem mais baratos, e ir vender onde elles forem mais caros, sem lhes importar o que os outros povos, ou individuos, hajam de

(*) Mr. Cobden fallava assim em novembro de 1845 quando ésta questão ja instava o ministerio. Mas Peel, ainda não tinha podido resolver-se a tomar a deliberação que pouco depois tomou, apresentando ao parlamento as propostas que os leitores ja sabem.

(*Da Redacção.*)

fazer. E a nossa fé na verdade dos nossos principios é tammanha, que, emquanto a nós, a felicidade de que a Gran'Bretanha hade gozar, quando tiver instituido o regimen da livre permutação, será capaz de provocar o mundo, e d'excitar no coração das nações civilizadas uma especie de *rivalidade na imitação.* »

CAMINHOS-DE-FERRO.

526 De varios jornaes inglezes e francezes extractei o seguinte, que me parece muito curioso de conhecer, agora que entre nós tambem se vai tractar d'este objecto.

No fim de 1845 era este o estado dos caminhos-de-ferro em Inglaterra:

Capital dispendido, 285.780:000$000 réis. Rendimento, 26,500:000$000 réis. Extensão 680 leguas.

Na Allemanha, comprehendendo a Prussia, a extensão dos carris-de-ferro é de 670 leguas.

Na França, disse em côrtes o ministro dos trabalhos-publicos: 'Dentro em seis annos teremos sôbre 1,000 leguas de carris-de-ferro. D'aqui resulta que em menos de seis annos haveremos feito com as nossas vias-ferreas o que a antiga monarchia lhe custou a fazer com as estradas ordinarias em mais de dois seculos, que é a sexta-parte do desinvolvimento de nossas estradas-reaes.'

A Belgica tem 120 leguas de carris-de-ferro, a Hollanda quasi 40, a Dinamarca pouco mais de 20, a Italia sôbre 50, a Russia da Europa pouco acima de 10, a ilha de Cuba quasi 6, os Estados-Unidos 1,700. O total dos carris-de-ferro, hoje em serviço, está pois calculado em obra de 3,600 leguas, tendo custado a somma de 536,800:000$000 réis, que dá a 163:000$ de réis de custo por legua. Na Inglaterra porém é muito maior este custo e nos Estados-Unidos muito menor.

As linhas-ferreas que estão em construcção, e aquellas cuja concessão ja tem sido feita, ou está aponto de fazer-se, pelos differentes governos e em todos os paizes, sobe ao duplo das que hoje estão em serviço.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

(Lisboa.)

Bairro Alto.

527 Em março de 1846 falleceram: do sexo masculino, 16 — do feminino 23: — expostos da Sancta Casa da Misericordia 51. — Total 90.

Celibatarios 10 — casados 8 — viuvos 6.

As molestias principaes de que falleceram foram: apoplexias cerebraes 5; — febre adinamica 1: — ptisicas pulmonares 6: — diversas molestias em orgãos respiratorios 10: — doenças abdominaes 4: — lesões do coração 4: — scrophulas 2: — cancros do utero 2: — hydrocephalo agudo 1: — convulsões causadas pela dentição 1 · — aphtas 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: operarios 10: — commerciante 1: — militar 1.

E d'entre os 90 fallecidos d'ambos os sexos, 57 eram menores de 7 annos d'idade, — 7 tinham de 60 a 70, — 2 de 70 a 80, — e 2 de 80 a 90.

Pobres de bilhete gratuito 61.

M.

Bairro do Rocio.

528 Em março de 1846 falleceram: do sexo masculino 28, — do femenino 28, — somma 56: — expostos nos adros das egrejas 34. — Total 90.

Celibatarios 28 — casados 15 — viuvos 13.

As molestias principaes de que falleceram, foram: apoplexias 5: — outras doenças de cerebro e suas dependencias 9: — febres 4: — ptisicas pulmonares e laryngeas 6: — diversas molestias de orgãos respiratorios 13: — ditas abdominaes 12: — lesões de coração 1: — scrophulas 1: — bexigas 1: — anasarcas 2.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: operarios 14, — commerciantes 3, — empregados publicos 1, — de profissão scientifica 3, — militares 1.

E dentre os 56 fallecidos de ambos os sexos 13 eram menores de 7 annos, — 5 tinham de 60 a 70, — 5 de 70 a 80, — 9 de 80 a 90, — e 1 contava 94 annos.

Pobres de enterramento gratuito 7.

G. A.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXIII.

Carlos e Georgina. Explicação. — Ja te amo! palavra terrivel — Que o amor verdadeiro não é cego. — Frade no caso outra vez. *Ecce iterum Crispinus;* ca está o nosso Fr. Diniz comnosco.

529 — 'Tu ja me não amas, Georgina, tu!' exclamou Carlos depois de uma longa e penosa lucta comsigo mesmo: 'Ja me não amas tu, Georgina? Ja não sou nada para ti n'este mundo? Aquelle amor cego, louco, infinito que derramavas em torrentes sôbre a minha alma, em que trasbordava o teu coração; aquelle amor que eu cheguei a persuadir-me que era o maior, o mais sincero, talvez o unico verdadeiro amor de mulher que ainda houve no mundo, esse amor acabou, Georgina? Seccou-se no teu peito a fonte celeste d'onde manava? Nem as recordações de nossa passada felicidade, nem as memorias dos crueis lances que nos custou, dos sacrificios tremendos que por mim fizeste, nada, nada póde acordar na tua alma um echo, um echo sumido que fosse, da antiga harmonia de nossas vidas — da nossa vida, Georgina, porque nós chegámos a confundir n'um só os dois seres da nossa existencia — Oh! porque vivi eu até este dia? E tu, tu que refinada crueldade te inspirou a salvar uma vida que tinhas condemnado, que tinhas sacrificado quando a separaste da tua?'

— 'Carlos,' respondeu Georgina com a fria mas compassiva piedade que mais o desesperava: — 'Carlos, não abuses da pouca saude que ainda tens. O esfôrço d'alma que estás fazendo pode-te ser prejudicial. Socega. Tu illudes-te e

sem querer, procuras illudir-me tambem a mim. Entra em ti, Carlos, e discorramos pausadamente sôbre a nossa situação, que não é agradavel por certo nem para um nem para outro, mas que póde supportar-se se tivermos juizo para a incarar toda e sem medo, e para nos convencermos com lealdade e franqueza do que ella realmente é. Ouve-me Carlos: tu amaste-me muito...'

— 'Oh como, oh quanto! Nenhum homem...'

— 'Poucos homens, é certo, amaram ainda como tu... quem sabe! talvez nenhum. — Não quero perder ésta última illusão... ja não tenho outra... Talvez nenhum amou, como tu me amaste ou... ou cuidaste amar-me. Eu... oh! eu quiz-te... pelo eterno Deus que me ouve! eu quiz-te com uma cegueira d'alma, n'uma singeleza de coração, com um abandono tam completo, uma abnegação tam inteira de mim mesma, que realmente creio, este é o amor que so a Deus se deve, que so ao Creador a creatura póde consagrar licitamente.

Bem castigada estou: mereci-o.'

— 'Georgina, Georgina!'

— 'Deixa-me, quero desabafar eu tambem agora. Ouve-me, tens obrigação de me ouvir. — Se te dei provas d'este amor, tu o sabes; se desde que te amei, uma palavra, um gesto, um pensamento unico, um so e o mais leve relampejar da imaginação desmentiu em mim d'esta absoluta e exclusiva dedicação de todo o meu ser:.. dize-o tu.'

— 'Não, minha alma, não minha vida; não; tu és um anjo, tu es...'

— 'Sou uma mulher que te amava como creio que ordinariamente se não ama.'

— 'Não certo, não.'

— 'Fomos felizes, é verdade; e creio que poucos amantes ainda foram tam felizes como nós nos breves dias que isto durou. — Tu partiste para a tua ilha; era forçoso partir, conheci-o e resignei-me. Consolavam-me as tuas cartas, as tuas cartas de fogo, escriptas, oh se o eram! escriptas com o mais puro sangue do teu coração. Nunca duvidei do que me ellas diziam: não se mente assim, tu não mentias então. É falso que o amor seja cego: o amor vulgar póde sêlo, amor como o meu, o amor verdadeiro tem olhos de lynce: eu bem via que era amada. Nunca me escreveste a protestar fidelidade, e eu sabia, eu via que tu me eras fiel. — Assim passaram meses, annos. Na ilha e no Porto foste o mesmo. Eu padecia muito, mas confortava-me, vivia de esperanças, triste viver, mas doce! Emfim vieste para Lisboa, para aqui... e as tuas cartas que não eram menos ternas nem menos apaixonadas...'

— 'Se eu nunca deixei, nem um momento...'

Com um gesto expressivo, e de suave mas resoluta denegação, Georgina pôs a mão na bôcca do pobre Carlos, como para a impedir de dizer uma blasphemia. Elle segurou-a com as suas ambas e lh'a beijou mil vezes com um arrebatamento, uma *furia*, n'um paroxismo de lagrymas e de soluços, que partiriam o coração ao mais indifferente. Commoveu-se, vacillou a inalteravel rigidez do bello rosto da dama, abaixaram-se as longas palpebras de seus olhos; mas se chegou até elles alguma lagryma mais rebelde, prompta refluiu para o coração, porque ao levantá-los outra vez e ao fixa-los tranquillamente nos do seu amante, aquelles olhos puros, celestes e austeros como os de um anjo offendido, estavam seccos.

Ella continuou:

— 'As tuas cartas, que não eram menos ternas nem menos apaixonadas, começaram todavia a ser menos naturaes, mais incarecidas... eram menos verdadeiras por fôrça. Senti-o, vi-o, e cuidei morrer. Uma familia da minha amizade vinha então para Portugal, accompanhei-a. Apenas cheguei, procurei e obtive os meios seguros de tranzitar pelos dous campos contendores: presagiava-me o coração que me havia de ser preciso. E foi; cheguei ao valle no dia em que tu o deixavas para aquella fatal acção que te ia custando a vida. Vim-te incontrar prisioneiro e meio morto no hospital dos feridos. Aopé de ti estava um frade...'

— 'Um frade! Meu Deus se sería elle?'

— 'Era elle.'

— 'Pois tu sabes?..'

— 'Sei: eu disse-lhe quem era e o que tu me eras...'

— 'Tu a elle... disseste?..'

— 'Disse. Não sei se fiz mal ou bem, sei que me não importava o que fazia. Vi depois que me não inganára na confiança que pozera n'elle. Trouxemos-te para este convento, trattámos de ti, conseguimos salvar-te a vida... E em quanto esse cuidado me livrava de outros, fui... fui feliz. A tua gente... a tua familia do valle tambem veio para Santarem... tua avó, e tua prima, Carlos...'

— 'Joanninha! Joanninha está aqui!'

—'Está; socega: e ja t'o disse, logo a verás.'

—'Eu! Eu para quê? Eu não quero...'

—'Quero eu: hasde vel-a. Ja sabes que sei tudo.'

—'Tudo o quê, Georgina?'

—'Queres que t'o repitta? Repettirei. Que tu amas tua prima, que ella que te adora. E por Deus, Carlos eu ja lhe quero como se fôra minha irmã. Intendes bem agora que te não amo? Comprehendes agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo não posso ver em ti ja senão o espôso, o marido da innocente criança que tomei debaixo da minha protecção, e a quem juro que hasde pertencer tu?'

—'Juras falso.'

—'Como assim! Pois queres mais victimas? Não estás satisfeito com a minha ruina? Eu ao menos não sou o teu sangue. E essa velha decrepita que é tua avó, que duas vezes foi em verdade tua mãe porque te criou,—essa innocente que te ama na singelleza do seu coração... esse pobre frade velho..'

—'Oh! aqui anda elle, bem o vejo, aqui anda o genio mau da minha familia. Malditto sejas tu, frade!

O desgraçado não acabára bem de pronunciar éstas palavras, quando a porta da alcova se abriu de par em par, e a rigida, ascetica figura de Fr. Diniz estava deante d'elle.

(*Continúa.*) *A. G.*

HISTORIA DE PORTUGAL

PELO SR. A. HERCULANO.

(*Carta do auctor.*)

530 *Illm.º Sr. redactor da* REVISTA UNIVERSAL.—São bem poucas as publicações periodicas que tenho occasião de ver: entre estas poucas uma é a que V. tão dignamente redige. Recebendo hoje o n.º 41, n'elle encontro um artigo que diz respeito a um livro recentemente publicado por mim, o primeiro volume da Historia de Portugal. Na breve advertencia que precede aquelle trabalho deixei estampadas as minhas previsões sobre a resistencia que em muitos espiritos haviam de encontrar as opiniões que n'elle segui. Era naturalissima essa resistencia; e eu seria demasiado imprudente se esperasse que não apparecessem adversarios para as combater; mas a tenção que desde logo formei foi a de não replicar, ao menos por agora. Lembrava-me (se é licito buscar para as cousas pequenas grandes exemplos) a sorte da Historia critica de Hespanha de Masdeu, que não passou dos fins do seculo XI, porque o illustre historiador consummiu os ultimos annos da vida em satisfazer cabalmente aos reparos e criticas que de toda a parte choviam contra aquelle grandioso monumento da litteratura castelhana. O artigo do seu jornal me fez todavia, reflectir de novo no concebido proposito. Occorreu-me o receio (e havia motivos para me occorrer) de que o silencio se me lançasse á conta de uma orgulhosa e ridicula crença na propria impeccabilidade litteraria, e de que os auctores d'esses escriptos se persuadissem de que eu menoscabava os seus louvaveis esforços em refutarem aquillo que lhes parecera um erro, e que talvez o é. Longe de mim tal pensamento. Não pretendi nem pretendo escrever a melhor historia de Portugal possivel; mas tenho a consciencia de que o meu trabalho é o mais sincero e despreoccupado que n'este genero se fez ainda entre nós; tenho a consciencia de haver buscado a verdade com todo o empenho, que em mim cabia. Este louvor, quer m'o concedam, quer m'o neguem, sei que o mereço. Quanto a erros, facil é que n'elles cahisse. Os que impugnam lealmente as doutrinas, que julgam ser inexactas, na arena onde essas materias se tractam, e perante o supremo juiz, o publico, esses merecem respeito e não desprezo. O despreso pertence aos belforinheiros litterarios, aos criticos de soalheiro e incruzilhada, que discreteam nas tertulias de ignorantes, porque teem medo de confiar á imprensa aquillo que poderia servir-lhes de corpo de delicto e de instrumento de castigo. O despreso é para aquelles que tendo vivido sempre d'uma reputação immerecida, só sabem explicar a obra da intelligencia e do amor da verdade por motivos abjectos e torpes. Pertence-lhes o despreso:—não o nego; mas ainda assim não posso dar-lhes o que é seu. Prohibe-mo o coração. Destes desgraçados tenho dó; dó como Dante o tinha das sombras empégadas no Malebolge. Sinto unicamente que a sinceridade me não consinta dizer-lhes com o féro ghibelino:

«Già t'ho veduto coi capelli asciuti.»

A razão porque heide abster-me de responder por em quanto aos que me combatem ou combaterem é porque fazendo-o satisfaria o meu amor proprio; não o fazendo cumpro o meu dever. Annunciei a publicação annual de um volume da Historia Portugueza; é uma obrigação que contrahi para com muitos centenares de máus cidadãos, como eu, que não se escandalisam da *falta de patriotismo* que reina no mal aventurado livro. Se não quizer faltar ao empenho que tomei, cumpre-me não consummir o tempo, que tão rapido foge, em debater as objecções da critica. Heide estudar todas as que se estribarem em argumentos e provas serias; heide aproveital-as quando me convencer de que sou eu que não tenho razão. Mas pretenderem que abandone a prosecução do trabalho principal para voltar atraz, e discutir de novo vinte vezes aquillo que só escrevi depois de larga discussão comigo mesmo, seria pretenderem o impossivel. Se nunca se me offerecer ensejo para dissolver as duvidas que se me opposerem ou se não as apreciar bem, ou se, emfim, ellas forem concludentes, outros virão depois de mim, que por esses marcos levantados no terreno da historia possam evitar os fojos em que eu tiver cahido. Quando mais nenhum serviço houvera feito ás letras patrias, ao menos deve-se-me ter sido a causa de que mãos mais robustas que as minhas levantem esses padrões á sciencia, e contribuam assim para a gloria litteraria do nosso paiz.

Apesar, porém, da necessidade que tenho de guardar silencio em defesa propria, não posso acabar co-

migo que cerre aqui o discurso. Ha tanta cortezia no artigo do seu collaborador, que seria talvez pouco decente o recusar comparecer no tribunal aonde me cita. Ha juizes por quem o réu condemnado conserva respeito: ha outros que elle detesta ainda depois de absolvido. N'aquelles a nobreza do animo e a honestidade de proceder explicam o phenomeno: n'estes explicam-no a rudesa do entendimento, e a brutalidade ou injustiça nas fórmas. Pertence ao numero dos primeiros o nobre censor a quem me refiro; por isso assentar-me-hei por algum tempo no banco dos criminosos para lhe responder.

Duas ponderações graves ha no artigo, a que alludo, contra o meu livro: ponderações que a serem exactas importariam a accusação merecida de haver eu defraudado a nação da sua arvore genealogica, e d'um dos mais importantes feitos d'armas, a conquista da cidade que veiu a ser a capital da monarchia. Culpa da vontade ou culpa da intelligencia; fosse o que fosse, o livro era condemnavel. Puz a doutrina, e acceito-a em todo o rigor para mim; mas o que não acceito, sem que o digno auctor do artigo do seu jornal as reconsidere, são as provas que apresentou contra mim.

Estabeleci por tres modos a não identidade dos lusitanos com os portuguezes: não identidade de territorio; não identidade de raça, não identidade de lingua. O auctor do artigo sentiu como eu que na falta complexa d'esses tres principaes caracteres dos que distinguem a individualidade das grandes familias humanas chamadas nações, a sua unidade na successão dos tempos desapparecia. Tractou portanto de provar-me que não era essa unidade uma simples preoccupação sem fundamento historico. Procurarei examinar os seus argumentos com a brevidade e claresa possiveis.

Diz elle que sendo Estrabão o que mais estreitou os limites da Lusitania, a dilatou entre o Tejo e o Douro, isto é pela Beira e Extremadura, e que formando estas duas provincias o centro e *base* principal do moderno Portugal, não podem os portuguezes deixar de se ter na conta de descendentes dos lusitanos, pois os *accessorios* são sempre absorvidos pelo principal; e que a Extremadura hespanhola não póde chamar-se Lusitania por ficar alguma porção d'esta fóra dos limites de Portugal.

Eis aqui o primeiro argumento a favor do nosso lusitanismo. Mas o que quiz o nobre critico dizer chamando á Beira e Extremadura *base* de Portugal? Será em consequencia de serem *hoje* as duas provincias centraes de Portugal no continente da Europa? Não posso alcançar como ésta circumstancia d'ellas estarem no meio deva fazer com que todos os portuguezes se considerem como representantes de uma tribu ou aggregado de tribus que ahi estancearam, em parte, ha dois ou tres mil annos. Permitta-me elle lembrar-lhe que, por esse titulo, outros, com maior rigor geographico, exigiriam que fossemos entroncar a nossa historia com a dos pretos d'Africa; porque dos territori os que pela lei politica do paiz constituem actualmente o reino de Portugal e Algarves, é de certo modo a Africa o territorio mais central da monarchia. A verdade é que o estar tal ou tal provincia actualmente no centro, ao sul, ou ao norte nada significa n'esta questão. O que importaria realmente seria saber se a Lusitania, antes dos romanos, occupava a maior porção do territorio em que se constituiu definitivamente a nação portugueza no seculo XIII, e se ahi foi o nucleo da monarchia, aggregando-se depois a essa provincia as outras ao sul e ao norte. É o que o illustre auctor do artigo parece pretender chamando á Beira e Extremadura *principal* parte de Portugal e ás duas provincias ao norte do Douro, e ás duas ao sul do Tejo *accessorios*. A geographia e a historia conspiram porém, contra elle n'este ponto. Tire á Extremadura o bem medido terço d'ella que demora ao sudoeste do Tejo, reuna com a Beira os dois que ficam, e diga-me depois se o Minho, Tras-os-Montes, Alemtejo, terço da Extremadura e o Algarve offerecem uma superficie menor do que a Beira e a Extremadura ao noroeste do Tejo. Repugna não menos a historia á denominação de *accessorio* dada ás provincias de Tras-os-Montes e Minho. Durante a reacção christan da monarchia asturiana-leonesa contra os sarracenos, a Beira é que foi *accessorio* de Traz-os-Montes e Minho, e existindo ja Portugal como reino independente a Extremadura é que foi *accessorio* das tres provincias ao norte d'ella. Se o facto da accessão serve para alguma cousa na materia, nós temos de entronear-nos com os antigos collaicos, mais do que com os lusitanos.

Não cabe n'um artigo de jornal mostrar com a auctoridade do maior e mais antigo historiador da conquista romana na Hespanha, Polybio, citado (de um dos seus livros perdidos) por Strabão, que uma tribu de turdetanos ou turdulos se estabelecêra na parte occidental da Beira, *ficando separada dos callaicos pelo Douro*;—que assim nem sequer pelo lado do oceano os limites de Portugal são os mesmos dos lusitanos ante-romanos;—que ainda quando os vettões não fossem uma tribu lusitana, o que é muito duvidoso, nem por isso a Lusitania deixaria de entrar pela Extremadura hespanhola;—e que, portanto, não concordando por nenhum lado a circumscripção territorial daquellas tribus com a do nosso paiz, não ha identidade de patria entre a raça antiga e o povo moderno, tanto mais que é certo ser o territorio dos *lusitani*, antes das divisões romanas, a menor porção do Portugal constituido definitivamente, com a conquista da provincia sarracena de Chenchir, no meado do seculo XIII.

O nobre auctor do artigo critico ao meu livro, parecendo accusar-me a mim de confundir as divisões administrativas da Hespanha debaixo do dominio romano com divisão anterior dos povos indigenas, é quem na realidade confunde as duas especies para me provar que o Alemtejo era territorio dos lusitanos, fazendo os successos do tempo de Viriato anteriores ao dominio romano. Pois este dominio não estava estabelecido desde o tempo de Publio Cornelio Scipião? Não foi a guerra do chefe lusitano um verdadeiro levantamento? E por onde ha-de provar-me que no tempo dos pretores o territorio do Alemtejo não foi juncto á Lusitania propria so administrativamente, e que era povoado de lusitanos? Não se oppõe a semelhante opinião o texto formal do mais antigo e particularisador dos geographos que descreveram a Hespanha, Strabão, o qual nos diz: «Tago *transmisso* (lusitani) *finitimos infestarunt*?

Eu não disse, como o meu critico assevera, que *toda* a Andaluzia e Extremadura hespanhola se podiam arrogar o titulo de lusitanas; o que disse foi

que se o haverem os lusitanos estanceado *n'uma parte* do nosso territorio nos desse o dircito de os considerar como antepassados, *esse direito* pertenceria tambem á Extremadura, á Galliza e á Andaluzia. A differença infinita das duas proposições é obvia. Não creio a segunda mui dificil de demonstrar, tanto mais sendo certo que a parte lusitana é a que constitue a *menor porção* do nosso paiz.

Tractando da prova de não identidade deduzida da transformação das raças o auctor do artigo por paridade de circumstancias estende as conclusões que d'ahi tirei para provar a minha doutrina, á Inglaterra e á França. Essa objecção nenhuma força me faz. Creio tanto que por este lado os inglezes e francezes representem os kimhris e os gaels, como creio que nós representamos os lusitanos. A historia incertissima d'esses povos so pertence á França e á Inglaterra por identidade de territorio. É uma consolação para os genealogicos daquellas duas nações, que não estou resolvido a invejar-lhes.

Diz o meu adversario, a quem não posso deixar de attribuir o epitheto de prodigo pelos demasiados elogios com que adoça as suas reprehensões, que, apesar de todas as conquistas em qualquer paiz, a raça indigena sempre fica sendo muito mais numerosa. Não sei se assim devemos figurar-nos as associações ou substituições de raças, principalmente tractando-se das migrações asiaticas que povoaram o sul da Europa. Essas tribus celticas, cimmerias, indo-germanicas, ou o que quer que fossem, deviam ser mui pouco numerosas pelas razões que ponderei no meu livro. Logo que começou a occupação da Penisula pelas nações civilisadas, phenicios, carthaginezes e romanos, os homens capazes de combater (e entre os selvagens são no quasi todos) principiaram a sahir da Hespanha pelos motivos que tambem lá se apontaram, ao passo que as colonias d'essas nações se estabeleciam largamente neste solo. Quero conceder-lhe que a vinda de gregos, phenicios e carthaginezes não transformou senão por um terço o sangue indigena; que tambem a colonisação immensa e systematica dos romanos não o alterou senão por outro terço, e que a chamada especialmente invasão dos barbaros so por outro terço o corrompeu. Chega depois a conquista sarracena. Vem á Peninsula bereberes, arabes, negros; quantas castas de gente na Africa e em grande parte da Asia seguiam o islamismo: estabelecem-se; repartem as terras; fundam ou povoam cidades: os mosarabes, ou descendentes dos romano-godos, ficam como sumidos no meio desta alluvião de novos habitadores de ambos os sexos, de todas as condições e idades. A reacção começa nas Asturias; a guerra dilata-se: a assolação e a morte reinam por seculos; os francos vem d'além dos Pyreneos ajudar frequentes vezes os seus correlegionarios; a Berberia é um manancial perenne de novos colonos africanos; os chefes sarracenos usam da antiga politica romana, e levam milhares e milhares de mosarabes para os empregarem nas suas empresas além do estreito: e a Hespanha continúa a ser celtica! Na segunda metade do seculo XII achamos Affonso I e Sancho I povoando com colonias estrangeiras os *desertos* da Extremadura e do Alemtejo; *desertos* porque a guerra tinha sido viva por estes districtos durante trinta ou quarenta annos; e todavia, apezar de quinze ou vinte seculos de invasões e guerras, talvez ainda mais atrozes, a raça lusitana predominava nos rareados habitantes de Portugal. Talvez. Mas a mim figura-se-me isso como uma idéa absurda. Repugna-me. Será curtesa d'intelligencia.

Quanto á lingua não contesta o meu contendor que a origem da nossa seja a romana; o que affirma é que a mudança essencial de lingua não prova a mudança essencial de raça. Uma cousa que desejava me explicasse era porque naquellas partes da Hespanha, da França, e da Inglaterra, onde pela historia sabemos que as conquistas e colonisações successivas d'estranhos não poderam no todo ou na maior parte penetrar ou fixar-se, os dialectos que ainda ahi se fallam hoje discordam absolutamente das linguas geraes d'estes paizes e se dirivam das primitivas. Tracto com os conquistadores mais civilisados tiveram-no sempre os welshes, os bretões, os biscainhos: a differença esteve so em não se estabelecerem fixamente entre elles os novos senhores do seu paiz. Uma cousa me hade conceder o nobre critico, e é que os lusitanos tão curiosos de não deixarem perder a sua casta no meio de tantas revoluções e da entrada de tantas gentes estranhas por vinte e cinco ou trinta seculos, andaram um pouco descuidados neste negocio da lingua.

Pelo que respeita a dialectos e a grammaticas, e a artes, e a medalhas anteriores ao dominio romano, falta provar que isso tudo é vestigio, não dos phenicios, gregos e carthaginezes que se haviam estabelecido na Peninsula antes dos romanos, mas sim das tribus celticas. Quanto ás medalhas de lettras desconhecidas, permitta-me o atilado censor que com Peres Bayer e Masdeu, antes as tenha por phenicias, punicas, gregas, e ainda latinas do que por celticas.

Não chamei selvagens ás tribus da Hespanha antes da civilisação romana; chamo-lh'o antes de toda a civilisação, quer phenicia, quer grega, quer carthagineza, quer romana. Não está mais na minha mão; cada vez que fallo n'um lusitano, n'um callaico, n'um pelendão, n'um arevaco dos primitivos e puros, figura-se-me logo um aymore, um tapuia, um tupinamba serapintado e cuberto de pennas, de quem juro que nenhum dos actuaes brazileiros quer ser descente, e o mais é que lhe acho alguma razão, apesar de que tem decorrido pouco mais de tres seculos desde o tempo em que no Brazil so havia dessa gente, e desde que ahi se tem estabelecido colonias, não de cinco povos civilisados, e de seis ou sette barbaros, mas so de portuguezes e até certo ponto de hollandezes.

Nunca pensei que os lusitanos me fizessem tornar a escrever tanto na minha vida! Vamos a assumptos mais serios.

A segunda parte da censura involve uma questão de critica historica. Na opinião do nobre censor a minha não foi das melhores quando narrei a tomada de Lisboa. Vejamos porque:

1.° As duas fontes a que quasi so podemos recorrer sôbre este facto são as relações dos dois testemunhas occulares, Arnulfo e Dodechino: ora éstas foram escriptas por estrangeiros, e *como taes* ávidos de gloria para si e para os seus; logo a sua narrativa é suspeita. Os portuguezes contentaram-se com a tradição.

2.° Não é provavel que os portuguezes nada fizessem senão subirem á torre de madeira para de la descerem atterrados pelos tiros dos cercados.

3.° O combate de Sacavem não se segue que não existisse por se não mencionar nas dittas narrativas. Entre Santarem e Lisboa havia povoação moura. Que coisa mais natural do que ser Sacavem um ponto fortificado, que servisse de atalaia a Lisboa? O combate n'esse logar é não so provavel, mas quasi necessario.

4.° Um auctor não póde despresar de todo as tradições para dar inteira fé aos documentos, quando estes não tem todos os caracteres que a mereçam, se não em parte.

Eis as objecções criticas á narrativa da tomada de Lisboa. Não alterei senão a ordem d'ellas, porque me facilita o resumir-me na resposta.

1.° Não é exacto que quasi so tenhamos as relações de Arnulfo e Dodechino para a tomada de Lisboa. Além de muitos outros historiadores coevos extrangeiros, que tractaram do successo mais ou menos largamente, temos os portuguezes; quatro que o mencionam em poucas palavras, e um, o auctor do *Indiculum* de San'Vicente, que o refere com maior extensão ainda que Dodechino. Servi-me de todos para apurar uma ou outra circumstancia. Do *Indiculum*, que é portuguez, tirei tudo o que alli se encontrava. E ja se vê que é inexacto o que o illustre censor diz sôbre a ficar entre nós so a tradição. Cinco escriptores para o mesmo acontecimento, em tempos nos quaes se escrevia pouquissimo, não me parecem provar que os nossos avós se mostrassem inclinados a entregar á tradição oral (a que o censor se refere segundo creio) a memoria da tomada de Lisboa. Tambem não me parece que tenha razão em affirmar que a narrativa de estrangeiros, porque eram estrangeiros (*como taes*) fica suspeita. Salvo se o censor me demonstrar que elles n'aquella epocha eram mais mentirosos que os portuguezes. Faz-me isto lembrar involuntariamente de que em Paris um francez é para dois inglezes, em Londres um inglez para dois francezes; em Lisboa um portuguez para trinta castelhanos, e em Madrid um castelhano para trezentos portuguezes. São opiniões. Eu estou tão persuadido de que em regra um homem é para outro, como o estou de que tanto póde fallar verdade ou mentir um portuguez como um mouro, um judeu, ou um chim.

É natural, não o nego, que pertencendo Arnulfo e Dodechino ao corpo dos cruzados se mostrassem mais attentos a narrar as façanhas dos seus que as dos portuguezes; mas que queria o nobre auctor da censura que eu fizesse? Que inventasse outras para attribuir a Affonso Henriques e aos seus guerreiros? De certo não. O que me cumpria era examinar se a narrativa dos dois estrangeiros continha alguma coisa improvavel para a rejeitar. Aponte-me, porém o que ha improvavel no que aproveitei d'essa narrativa. É ommissa a respeito dos portuguezes? Mas estes podiam fazer maravilhas sem que os estrangeiros deixassem de praticar o que d'elles contam os dois cruzados. Do que eu não tenho culpa é de que não chegasse até nós a memoria de taes maravilhas.

Peço ao douto censor que observe bem a relação do *Indiculum*. O frade portuguez (ao menos tenho-o por tal emquanto se não provar o contrario) é o que faz os maiores encarecimentos sôbre o valor dos cruzados. D'elle é o periodo que transcrevi em nota a pag. 377. Em toda a carta de Arnulfo nada se lê que iguale esse periodo. Porque não diz o frade outro tanto dos seus? Quem o souber que o explique.

Mais: Affonso I mandou durante o cerco construir dois cemiterios, o dos francos e o dos inglezes; um ao oriente, outro ao occidente, para sepultar os martyres de Christo que morriam pelejando. Porque não mandou construir outro ao norte para os portuguezes? Parece que morriam menos, e os que morriam se accomodavam com os hospedes. O facto dos dois cemiterios não é de Arnulfo; é do *Indiculum*.

2.° O que é verdade é que Affonso I era um homem grande; grande capitão e grande politico quanto um soldado rude o podia ser. — Sem esses dotes não se funda uma monarchia, sôbre tudo no meio das difficuldades que elle superou. O mais natural é que poupasse os seus veteranos para outras occasiões arriscadas que não lhe faltariam, nem faltaram, e que na tomada de Lisboa se aproveitasse habilmente do character cubiçoso, violento e audaz dos alliados para poupar quanto fosse possivel os subditos. Quem anda lido nos chronistas d'aquella epocha sabe que os taes martyres de Christo em presentindo avultado despojo atraz de qualquer muralha eram capazes de as desfazer com os dentes; e Affonso I lhes cedera o sacco da cidade. Vertendo o sangue para conquistar ésta, trocavam-n'o por ouro; perecendo, conquistavam o ceu. N'aquelle tempo associavam-se bem o enthusiasmo religioso e a cubiça.

A historia de vacillarem os portuguezes no eirado da torre de madeira, nem é improvavel, nem os deshonra. Elles estavam habituados a combates campaes e não a assedios regulares de grandes praças. O testimunho de escriptor coevo Ibn-Sahib nos assegura que o systema ordinario do rei de Portugal para se apoderar dos castellos mussulmanos era o dos commettimentos nocturnos e inesperados, não o dos sitios regulares. Accresce como consolação, que ésta circumstancia mostra terem entrado em combate os portuguezes no dia do ataque decisivo.

3.° Suppondo que o recontro de Sacavem fosse provavel, não era isso motivo para mais do que para o narrar se o tivesse incontrado em algum escriptor, não digo coevo, mas ao menos do seculo XIII ou ainda do principio do XIV; mas onde apparece pela primeira vez mencionado tal acontecimento? N'um documento do seculo XVI. O enfeixador de patranhas Duarte Galvão não apanhou ésta. É pena que o tal documento, em cuja feitura interveiu o grande velhaco de D. Christovam de Moura, não fosse conhecido de Galvão nem de Acenheiro, aquelle famoso historiador que nos conta os espantosos casos dos pés de malvas, de que se fizeram trancas de portas, e do ouriço que comeu o pintainho dentro da casca do ovo. Mas aos olhos de uma pessoa de juizo, como reputo o meu censor, bastariam para desacreditar a tal tradição, que esteve escondida quatro seculos sem que d'ella houvesse a menor noticia, as circumstancias absurdas de que vem lardeada, como entrarem no combate de Sacavem mouros de Thomar, isto é de um territorio *deserto* (Bulla de Urbano III aos templarios no Archivo Nacional Gav. 7 M. 9) doado em 1159 por Affonso I áquella ordem, que ahi fundou Thomar em 1160 (Inscripção no Elucidario T. 2 p. 359), e a outra circumstancia de andar, antes da tomada de Lisboa, Affonso Henriques passeando em

Cintra, o ponto mais forte e importante que os sarracenos possuiam no districto de Belatha, salvo Santarem e Lisboa, segundo o testimunho do contemporaneo Edrisi, e cuja conquista, conforme a chronologia da chronica dos Godos e dos chronicons conimbricense e lamecense, foi posterior ao menos de alguns dias á de Lisboa.

No que me parece que o meu erudito impugnador se deixou levar demasiado da sua imaginação, é em suppôr *quasi necessario* o combate de Sacavem, *porque era provavel* que ahi houvesse um castello ou logar forte. O seu raciocinio é este:

Entre Santarem e Lisboa havia gente moura:

Atqui: É provavel que entre Lisboa e os christãos houvesse um ponto fortificado, que servisse de atalaia a ésta cidade, e Sacavem era o ponto mais apto para isso, porque tolhia o passo aos Christãos.

Ergo; Vieram mouros de Thomar, soccorrer Lisboa; Affonso I, tendo passado por onde não podia passar, mandou gente atraz para os repellir; e o combate foi quasi por fôrça em Sacavem.

O monstruoso e desconnexo d'este raciocinio é obvio. Quanto ao passar Affonso Henriques por onde não podia passar, dir-se-ha que elle fez um quarto de conversão á direita e marchou por Loures sôbre Lisboa. Isso na supposição de estar fortificada a passagem de Sacavem, ou de não haver ahi passagem (o que é o mais natural) occorre facilmente; mas é preciso confessar que os ingenheiros sarracenos, que empregaram braços e dinheiro em fazer uma obra que não defendia nada, nem servia para nada, mereciam pingados e aspados, segundo a fórma expedita da justiça mussulmana, para os seus collegas tomarem tento em não malbaratarem assim os morabitinos do Estado em destemperos de taipa e pedregulho.

4.º Vamos á última observação, que é a primeira na ordem em que as fez o meu respeitavel impugnador. Quer elle que eu me ativesse ás tradições, não dando inteira fé aos documentos quando estes não a merecem plenamente. Ja fica provado, que a sua regra não serve para o caso presente. Mas, ainda em geral, ella me parece falsissima por falta de distincção. Que não se dê fé inteira a um documento que não a merece em todas as suas partes, é uma destas verdades como — o sol dá luz — que não vale a pena de se escrever; mas o que eu não vejo é que de ser insufficiente ou até nulla a auctoridade de um documento ou monumento coevo ou quasi coevo se siga que a tradição fica forte e segura. Se ella for absurda ou infundada, continua a se-lo, valha ou não valha o documento. Parece-me que o simples senso commum basta para assim se crer.

É preciso todavia, convirmos sôbre a idea que havemos de associar á palavra *tradição*. Se entendemos a tradição oral, que so apparece, dizendo-se muito, muito, muito antiga, tres ou quatro seculos depois do facto a que se refere, sem que d'ella se encontre a menor sombra nos monumentos coevos ou quasi coevos em que naturalmente se devia mencionar, confesso ao meu douto impugnador que o unico sentimento que essa tradição produz em mim é uma grande vontade de rir; porque ja, pela experiencia, prevejo que ha de ser absurda. Um proloquio certissimo da nossa terra é que mais depressa se apanha um mentiroso que um coixo. Tenho-o verificado tão frequentemente, que cada vez estou mais Pharaó, obdurado de coração, contra as taes tradições. Peço ao meu nobre censor, que me parece pessoa que estuda a historia seriamente, que deixe aos poetas o gritar a favor da tradição oral. Eu ja fui do officio, e sei que elles teem razão. Os estudos superficiaes pertencem-lhes por direito divino e humano. Se fossem empallidecer sôbre os feixes mofentos de pergaminhos velhos que estão por esses archivos, deixavam de ser poetas, porque matavam a imaginação, e eu declaro sinceramente que antes quizera que nunca houvesse historia, do que o inconveniente de perder o paiz um grande poeta. Portugal tem incomparavelmente mais gloria em haver possuido Camões que em ter tido Fr. Antonio Brandão e Antonio Caetano do Amaral. No que me parece que elles não são justos é em pertenderem que os historiadores, gente chan e humilde, sejam por força poetas. N'isso é que anda amplificação rhetorica de mais.

Se por tradição o meu nobre adversario entende a escripta, subscrevo inteiramente ao seu voto. A tradição escripta é aquella de que se encontram vestigios nos monumentos ou nos documentos até á epocha em que viveram os homens que podiam presenciar o facto a que ella se refere, ou aquelles que da bôca d'esses homens podiam ter ouvido a relação do mesmo facto. Ésta tradição é segura, se alias não ha circumstancias que a invalidem ou modifiquem. Semelhante tradição é a que a historia póde approvar: mais; é aquella que a igreja só admitte para conjunctamente com a auctoridade dos livros sagrados servir de prova historica ao complexo das suas doutrinas. Esse illustrado e respeitavel systema do catholicismo, tão injustamente calumniado pelas igrejas dissidentes, estava ja expresso, muitos seculos antes de nascer a critica profana, na regra contida na bella e profunda formula de Vicente de Lerins: «*Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus..... creditum est.*»

Um ou dous anneis que faltem lá no cabo d'essa cadeia da tradição, bastam historicamente para tirar ao facto toda a certeza; porque muitas vezes as fabulas não esperam nenhuns duzentos annos para nascerem e se incrustarem no tronco da historia. Não raro éstas fabulas são devidas á ignorancia e não á má fé. Uma passagem e até um nome mal interpretado pódem darlhes motivo. O erro sobre a origem grega do conde D. Henrique, erro que grassou entre os antigos escriptores hespanhoes proveiu, como o meu censor sabe, de se interpetrarem as palavras de Rodrigo de Toledo «*expartibus bisontinis*» «*das partes de Constantinopla*» em logar de se traduzirem *das partes de Besançon*; mas o que talvez não lhe occorra é que ja Affonso X de Castella ignorava a verdadeira origem d'este seu avoengo, que fallecera ainda não havia seculo e meio quando elle começou a reinar. Effectivamente na *Cronica General*, escripta por elle ou debaixo dos seus olhos, diz-se que o conde D. Henrique era *de tierra de Constantinopla* (Cron. Gener. fl 300 v.). Mais; o erro do Nobilario attribuido ao conde D. Pedro, erro adoptado por outros escriptores, de que D. Mafalda mulher de Affonso I era hespanhola e filha do senhor de Molina, acha-se ja n'um resumo de chronica dos nossos primeiros reis, lançado no principio de um dos volumes das

Inquirições de Affonso III no Archivo Nacional. Ahi, por assim dizer, encontra-se a verdade em transformação flagrante para mentira. Maurienne, donde era D. Mafalda, pronunciava-se *Moriana*, palavra corrompida n'essa especie de chronica em *Moliana*. O auctor d'ella ja suppunha que os condes de Haro eram os senhores de *Moliana*: os que se seguiram *rectificaram* Moliana em *Molina*, e a fabula tomou definitivamente o logar da historia. Outras vezes, porém, conveniencias politicas ou de diversa ordem, faziam espalhar mentiras em epochas tão proximas áquellas a que se referem, e sobre factos tão notaveis, que chega a parecer incrivel como havia audacia para tanto. Tal é a historieta da acclamação em Ourique, mencionada n'um documento original de Palmella, do meado do seculo XIV. Ha para a desmascarar mais alguma cousa do que as ponderações que fiz em a nota XVI do meu livro: é um outro documento do Archivo Nacional anterior trinta ou quarenta annos apenas ao rollo de Palmella, e de que este é quasi textualmente copiado em que nenhum vestigio se acha da anedocta da acclamação, donde fica mais facil apurar a data da fabula, e o descobrir as causas por que foi engendrada. Mas isto para seu tempo; que a presente resposta ja vai demasiado larga. Possa ella não impedir que o meu cortez adversario continue a examinar criticamente a Historia de Portugal, e a apontar aos historiadores futuros os escolhos em que a minha pobre barca tiver naufragado!

Ajuda 8 de abril
1846. *A. Herculano.*

BIBLIOGRAPHIA.

Espirito de Ganganelli, ou Collecção de pensamentos religiosos, moraes e politicos, do Papa Clemente XIV. Extrahidos das cartas e outros escriptos do mesmo pontifice, aos quaes se annexam os de outros Varões igualmente conspicuos. Recopilados por *** — Lisboa MDCCCXLV.

531 Não é nova a idea de extrahir das obras moraes o espirito d'ellas, em pequeno e methodiso quadro, que é, por assim dizer, a quinta-essencia a *summa-res* da sua doutrina. As cartas de Ganganelli porém, de que a *collecção de pensamentos*, de que estou tractando, se diz extrahida, passam hoje por suppostas e são geralmente havidas como escriptos de Carracioli. Mas sejam ou não de Ganganelli, é certo que o character d'este pontifice celebre não desdiz do espirito que as dictou. Sabe-se que Clemente XIV foi homem dedicado ás lettras com as quaes gastava uma parte da noite não podendo applicar-lhes o tempo do dia. 'Toda a minha satisfação, dizia elle, é gozar de um bom livro ou da conversação de um homem de bem;' e no espirito d'estas palavras, e no d'aquelloutras: 'Se não é permittido consentir o êrro, é prohibido odiar e vexar os que teem a desgraça de cahir n'elle,' está tambem o *espirito do espirito* das obras que lhe são attribuidas.

O recopilador d'esta formosa *Collecção* denuncia-se em muitos logares onde a sua penna teve que additar ou esclarecer alguns pontos no seguimento d'ella; parece-me ser a do benemerito cidadão que com outros escriptos além d'este, e ainda mais com obras efficazes, tem bem merecido dos contemporaneos, e cuja memoria será ainda abençoada pelo muito que se ha disvellado a favor d'uma instituição pia, e de beneficio público, o *Asylo da mendicidade*.

O Trovador.

Tem sahido os números 7, 8, e 9 d'esta interessante publicação de Coimbra, para onde continuam a escrever os mais eminentes talentos poeticos que hoje frequentam a nossa Universidade. O n.º 9, que é o último, distingue-se principalmente pela formosa composição do Sr. Cordeiro, *á Solidão*. Outra do Sr. J. de Lemos, *ao Natal*, ja foi publicada na Revista. A do Sr. Serpa (José), *a Marilia*, modelada pelo estylo de Gonzaga, é uma anacreontica de bastante mimo, com tanta suavidade de expressão como candura de affectos.

THEATROS.

THEATRO-NACIONAL.

532 No dia 13, destinado para festejar o anniversario de Sua Magestade a Rainha, começaram as representações regulares no theatro de D. Maria II.

A peça que se deu n'esta noite foi *Alvaro Gonçalves, o Magriço, ou os dôze d'Inglaterra*. É uma tradição das mais vistosas e agradaveis da nossa historia. O pensamento de reduzir a drama ésta tradição é mui digno de louvor; e o facto de que um drama tam proprio a exaltar os brios nacionaes, e lisongeiro para peitos portuguezes, fosse escolhido para uma representação por tantas circumstancias memoravel, é igualmente digno de apreço.

O expectaculo assim considerado merece elogios em todas as suas partes: olhado porém com vistas artisticas é outra coisa. Não sei qual d'estes pontos deveria n'este caso ter a preferencia: é questão em que não entro, porque nunca vou aonde não sou chamado.

Todas as boas qualidades da peça, os seus excellentes documentos, grande merito historico, bons discursos e bellos pensamentos, não podem fazer d'ella um drama, que se possa chamar *drama*. A acção principal do Magriço, e porque elle ficou immortalisado nos versos de Camões; a unica tradicional, e que no titulo da peça figura comeffeito como assumpto d'ella, está todavia reduzida a um episodio, que sim preenche todo um acto (o 4.º) mas que existindo ou deixando d'existir nada accrescenta nem diminue a nenhum dos outros actos a que é inteiramente extranho. Ora, os amores do Magriço com Beatriz, que são, ou foram destinados a ser, o *drama*, não preenchem, pelo modo porque são conduzidos, as exigencias da arte.

Expondo francamente a minha opinião *artistica* sôbre ésta peça, sustento, com a mesma franqueza, que em tudo o mais a acho de merito mui superior.

A execução não foi tam completamente boa como seria de desejar.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

Eleonora, opera semi-seria em 4 actos — Musica de Mercadente.

533 Os librettistas da Italia são como os nossos traductores de Portugal. [Salvemos as honrosas excepções...] Apenas um melodrama se representa nos theatros de boulevart da Babylonia de França, é logo convertido em libretto pelos aspirantes a poetas d'Italia, ou traduzido pelos aspirantes a escriptores dramaticos em Portugal. Cá e la más fadas ha. O caso é que muitos dos leitores hão de se lembrar d'uma tal *Leonor* que se deu no theatro da Rua-dos-Condes, que era uma peça em que se dizia que os *mortos andam depressa*, mas não andavam tal nem depressa nem devagar. Pois foi este mesmo melodrama, que certo italiano, que pe-

lo nome não perca, converteu n'um libretto mau como elle; mas ao qual o insigne Mercadante adaptou a sua excellente musica.

Alguns dos leitores hão de se lembrar do celebre maestro quando entre nós escrevia partituras para o theatro de San'Carlos. A *Elisa e Claudio* ainda não esqueceu decerto. Mas o Mercadante d'hoje está muito além do Mercadante d'então; o auctor da *Vestal*, *do Regente* e do *Bravo*, è hoje, póde ser, o compositor de mais profunda sciencia harmonica. É preciso ouvir e admirar o jogo d'orchestra da *Eleonora*, aquella grande massa d'instrumentos todos em movimento mas tocando cada um d'elles distinctamente, aquella soberba opulencia d'instrumentação, a sensata applicação das harmonias e acompanhamentos, para se conhecer que grandeza d'ideas que magestade e profundidade de saber ha no grande mestre. A *Eleonora* é sem contradicção uma das primeiras operas que se teem dado em San'Carlos.

Eu não sei se os meus leitores das provincias, que me pedem agricultura e industria, gostarão de ler os artigos de theatro; mas os de Lisboa que não teem terras suas nem grandes disposições para a leitura da parte dos conhecimentos-uteis d'este jornal... gostam muito mais que se lhes diga alguma coisa dos unicos divertimentos que por aqui ha. Ora pois, a REVISTA chega a todos, e como vive de todos a todos deve procurar satisfazer. Acabarei depressa.

Os trechos que na opera me pareceram superiores são: o duetto dos baixos e final do 1.° acto, o grande cheio do 3.° acto e o tercetto do 5.° acto. A execução se não foi primorosa foi de contentar. O Sr. Salandri vai bem em toda a peça, particularmente no seu adagio do grande cheio do 3.° acto. O Sr. Miró disse bem o seu duetto, a Sr.ª Ranzi cantou algumas vezes com mimo, particularmente a *romanza* final do 3.° acto. Faz o Sr. Catalano todos os esforços para desempenhar a sua difficil parte; mas afadiga-se ás vezes debalde, porque a qualidade da sua voz presta-se pouco á agilidade e expressão que muitos trechos demandam.

A peça está muito incongruentemente trajada; mas a vista final é uma das mais magnificas que teem sahido dos pinceis dos Srs. Rambois e Cinatti.

VARIEDADES.

OS SIKHS.

534 Como os leitores hão de saber, a guerra dos inglezes na India é um dos objectos de maior interesse e importancia da politica contemporanea. A defensa pertinaz e valorosa dos *Sikhs* no reino de Lahore tem excitado a curiosidade das indagações sôbre ésta seita guerreira.

O reino de Lahore é, como se sabe, limitrophe da China. Devide-se em duas partes distinctas: ao Noroeste o *Kouhistan*, ou paiz montanhoso, e ao sudoeste o *Pendjab* ou paiz dos cinco rios. A povoação d'este reino divide-se principalmente em *Afghans*, *Djats*, *Singhs e Sikhs*. Darei hoje conta aos leitores da REVISTA da origem curiosa do nome d'esta seita que tam terrivel está sendo aos inglezes.

Nanac-Shah era filho de um negociante de sal; desde a sua infancia foi sempre um indio muito devoto, e tam virtuoso e caritativo que não duvidou dar todo o seu dinheiro para soccorro dos faquirs]padres] errantes, e repartir com os pobres todos os bens que possuia: finalmente renunciou todas as suas occupações temporaes para se fazer tambem faquir. A unidade de Deus e a sua presença em toda a parte, eram os seus dois principaes dogmas; e o fim a que se propoz com a sua predica era robustecer a fé mahometana e a fé hindou. O resultado foi a conversão de grande numero de seus concidadãos que se fizeram puros deistas.

Estes novos descipulos de Nanac chamaram-se a si mesmos *Sikhs*, palavra derivada do sanscrita cuja raiz significa 'instrucção.'

Os preceitos da religião dos *Sikhs* podem resumir-se assim: Não ha mais que um Deus. Cem mil Mahometths, um milhão de Bramas, de Vishaous, e cem mil Ramas, estão á porta do Altissimo. Mas todos morrem, so Deus é immortal.

CORREIO EXTRANGEIRO.

535 De dia para dia as coisas vão tomando uma face totalmente extranha comparada com o modo como ellas antigamente se faziam. Os leitores saberão decerto que a guerra da India entre os sikhs e os inglezes tem tomado um desinvolvimento que dá o maior cuidado ao governo britannico: na necessidade em que este se vê de mandar soccorros ao Pendjab com a maior celeridade possivel, este governo energico e activo como nenhum outro, concebeu a idea de mandar este soccorro por via do Egypto. Parece que o bacha consente e que tres mil homens de tropas vão partir para a India por este caminho!

Os Estados-Unidos que ja tinham suas estalagens fluctuantes e um theatro tambem fluctuante, como ja na REVISTA se disse, apparecem agora com uma fábrica-de-vidros construida abordo do vapor *Ohio*. O barco ancóra de noite, e a fábrica trabalha: no seguinte dia viaja, e vendem-se os productos do trabalho da noite!

O exercito austriaco compõe-se actualmente de 287,000 homens d'infanteria, 42,900 de cavallaria, 42,000 d'artilheria, além de 14,500 homens que compoem os corpos chamados extraordinarios e não combatentes, isto é, a guarda-imperial, a policia e a de segurança-pública; formando o total de 386,400 homens, mas d'estes so 350,000 estão em effectivo serviço.

O imperador da Russia ordenou que todos os judeus de origem extrangeira, comprehendendo tambem os da Polonia, que actualmente se acharem na Russia, sejam obrigados a deixar o territorio d'aquelle imperio no praso de tres mezes, ainda que ahi estejam domiciliados, ou possuam bens immoveis. Para o futuro, nenhum israelita extrangeiro será admittido a estabelecer-se na Russia sem uma licença especial do govêrno.

O vice-rei do Egypto auctorisou novamente a exportação de cereaes desde 12 de março último.

Desde o primeiro de fevereiro até 10 de março, soffreram a pena-última em França 27 criminosos! Esta estatistica é na verdade horrorosa quando a palavra

civilisação apparece em todos os escriptos e sahe de todas as bôccas!

Affirma o *Clamor-publico* que nos suburbios de Valença ha um soldado velho que ja conta 114 annos.

Dizem que em Tarbert, n'uma ilha d'Escossia, morrêra um homem com 112 annos.

A emigração d'Inglaterra para os Estados-Unidos continúa d'um modo admiravel. No mez de fevereiro sahiram d'Inglaterra para a Nova-York 400 individuos e no primeiro paquete de março 140, a maior parte da classe agricola dos condados de Suffolk e Norfolk.

Começou em Pariz a exposição das Bellas-Artes. O número das obras apresentadas foi de 4,753, d'estas o jury de escolha so approvou 2,412.

A proposito do estabelecimento d'um theatro-francez nas ilhas Marquezas, diz um jornal de Paris: 'O character d'um povo revela-se nas suas fundações; onde se estabelecem inglezes ageita-se o porto, onde os italianos edifica-se uma igreja, onde os prussianos construe-se um quartel, onde os allemães cria-se uma eschola, onde os francezes ergue-se um theatro.' Devêra accrescentar, onde os hispanhoes faz-se uma casa-de-moeda, e onde os portuguezes (n'outro tempo... ja se sabe) lançam-se os fundamentos d'um castello.

Diz-se que em Tolosa (Hispanha) morrêra uma mulher com 150 annos, deixando uma filha de 82.

CORREIO NACIONAL.

536 O rendimento das alfandegas de Lisboa, Sette-Casas, e Porto, no mez de março último foi de 412:526$234 réis.

Está em Lisboa o tenor Paganini, que por duas vezes tem estado escripturado no nosso theatro-italiano. Parece que se dirige a Londres, mas antes dará aqui alguns concertos.

Macrobia. Le-se nos 'Pobres no Porto,' que mora n'aquella cidade uma mulher que tem 116 annos, é mendicante e passa bem. Tem um filho de 86 annos.

Desde o 1.° de julho de 1845 tem sido exportados para paizes extrangeiros 456 moios de trigo; 2,004 de milho; 1,088 de centeio e 48 de cevada.

Falleceu n'esta cidade o porteiro da Associação Mercantil, chamado Domingos, que contava 103 annos de idade.

O número de pessoas actualmente em exercicio nas estradas a cargo da Companhia das Obras-Publicas de Portugal, excede a 11.000.

Temos a satisfação d'annunciar a chegada a Lisboa d'uma *interessante magica* M.elle Benitta Anguinet, cujos *prestigios* teem sido encarecidos por muitos jornaes francezes. M.elle Anguinet destina-se a dar aqui algumas representações, e não pomos duvida em que a bella *prestigiadora* consiga maravilhar-nos com a sua physica seductora.

No decurso do anno de 1845 construiram-se em Portugal 17 embarcações com 3,672 tonnelladas, sendo d'estas 4 barcas, 4 brigues, 1 patacho, 3 escunas e 1 hiate; 1 brigue e 3 escunas de guerra — D'estas embarcações 11 foram construidas no Porto, 5 em Villa-do-Conde e 1 na Arrentella, na Outrabanda do Tejo.

Continuam os pronunciamentos armados das mulheres de varios logares das provincias do norte, contra as providencias sanitarias dos empregados da Saude. As reuniões de mulheres armadas tem chegado n'algumas partes a 500, segundo se le nos jornaes do Porto. A força militar tem intervido, e tem sido obrigada a andar em movimento. Tem havido tiros e ferimentos graves. Quem conhece a nossa historia admira-se menos d'este espirito e coragem feminina; mas em todo o caso similhantes acontecimentos são preciosas circumstancias para a historia dos nossos costumes no meiado do seculo XIX.

A exportação de vinho da ilha da Madeira, nos dez annos que vão de 1834—45, foi de 94.891 pipas. O anno de maior exportação foi o de 1838, que sahiram 9,828 pipas; o de menor exportação foi o de 1842 em que sahiram so 6,270 pipas.

A ilha de Sancta-Maria (archipelago dos Açores) tem 1,069 fogos e 8.000 habitantes. Tem apenas duas aulas d'instrucção primaria; e distando so 12 leguas de San'Miguel, cuja justiça e auctoridades quasi que são unicamente as suas tambem, passam-se comtudo 3 e 4 mezes no inverno que não ha communicação entre ambas as ilhas!

Por lei de 7 do corrente são fixadas as contribuições de repartição de 1846—47 em 2.545:317$000 réis; sendo 1.584:820$000 réis de contribuição-predial, 505:431$000 réis de maneio, e 450:066$000 réis pessoal.

Os officios da Semana-Sancta fizeram-se com toda a pompa e solemnidade digna dos altos Mysterios que por este tempo a Igreja-catholica celebra. Admiravel número de pessoas de todas as classes da sociedade visitaram os templos na Quinta-feira maior. Entre estes os que mais se distinguiam pela riqueza, pela pompa ou pelo bom gosto, foram as parochiaes da Magdalena, Sacramento, Pena e Sancta-Justa. Na Sexta-feira distinguiram-se as parochiaes do Coração-de-Jesus e Sancta-Justa. No Sabbado d'Alleluia em Sancta-Justa parece ter sido a festa mais magestosa. O convento das Francezinhas distinguiu-se como é costume pela execução musica, confiada a *curiosos*.

Na Sé officiou de pontifical S. Em.ª na Quinta, Sexta-feira, e Domingo de Paschoa, fazendo uma homilia n'este ultimo dia e dando a Benção-papal, e nos outros dois fez a pé o caminho do paço patriarchal para a igreja.

Suas Magestades e Principes assistiram n'esses dias aos Officios divinos na capella-real de Sancta-Maria de Belem.